

# O Que É Espiritualidade?

*Alunos dão sua perspectiva*

Foi uma coincidência irônica. Apenas um mês antes da publicação do documento “Compromisso Total” do Pastor Folkenberg, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, eu tinha falado a 25 alunos primeiro-anistas da classe de distinção em Comunicação, na Andrews University, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A., sobre palavras e seus significados. Mencionei que o significado de uma palavra está na conotação que um indivíduo dá a ela. Como ilustração, disse eu: “Tomemos a palavra ‘espiritualidade’, por exemplo. Ela tem tanto significado quanto o número de pessoas que a usam. No entanto usamos essa palavra como se ela tivesse o mesmo significado para todos.”

Falamos também sobre prioridades pessoais — vivemos num mundo distorcido, em que relacionamentos e coisas espirituais são relegadas para o último lugar enquanto as coisas mais urgentes tomam prioridade em nossa vida. Como tarefa de reflexão, pedi que os alunos definissem por escrito a palavra “espiritualidade” e que refletissem sobre como a espiritualidade e o relacionamento com Deus se enquadravam nas priorida-

des da sua vida universitária.

Os papéis que meus alunos escreveram causaram-me tamanha impressão que antes de devolvê-los aos alunos com meus comentários, fiz cópia de cada um para meu arquivo. Algum tempo mais tarde, quando pediu-se que os departamentos acadêmicos discutissem em suas reuniões o documento Compromisso Total da Associação Geral, lembrei-me dos papéis. Em resposta ao documento, pediu-se que os membros do corpo docente fizessem recomendações ao reitor da sua faculdade. Os reitores então, por sua vez, fariam recomendações coletivas ao presidente a fim de que nosso campus estabelecesse um plano para avaliar a espiritualidade dos nossos estudantes.

Indaguei em voz alta para meus colegas do corpo docente: “Como podemos avaliar espiritualidade quando a palavra significa diferentes coisas para diferentes pessoas? Como podemos avaliar se alguém está totalmente comprometido a qualquer coisa se *totalmente e comprometido* podem significar tantas coisas diferentes?”

Ainda faço essa pergunta a mim mesma. Mas, além disso, nada li ainda sobre esse assunto sob a perspectiva do estudante. Disseram-me que as instituições têm a liberdade de preparar sua própria resposta ao conceito do Compromisso Total e que algumas escolas até escolheram pessoas para escrever instrumentos de avaliação. Instituições de educação superior estão estabelecendo equipes para começar o processo de avaliação. Pergunto-me: Existem estudantes nessas equipes? Não estamos falhando se não alcançamos bem no íntimo do pensamento e sentimentos dos nossos estudantes sobre esse assunto antes de irmos muito longe com o processo de avaliação?

Recentemente revisei os papéis dos meus alunos para partilhar com uma audiência mais ampla. Para manter a privacidade dos alunos, não usamos seus nomes. O que é importante são os “quadros em palavras” que eles pintaram. Esse artigo incluirá algumas citações dos papéis dos meus alunos sobre espiritualidade e como Deus se enquadrava em suas prioridades pessoais.

**Carole Luke Kilcher**

*Pedi que os alunos definissem por escrito a palavra “espiritualidade” e que refletissem sobre como a espiritualidade e o relacionamento com Deus se enquadravam nas prioridades da sua vida universitária.*

### **Definindo “Espiritualidade”**

Diversos alunos pensavam que ser espiritual está diretamente relacionado com o relacionamento com Deus. Outros apresentaram os seguintes quadros em palavras:

- “Para mim, a palavra ‘espiritualidade’ tem um tom estereotípico mas pio e superficial. Imediatamente imagino um hipócrita que constantemente aponta para a Bíblia.”
- “Para mim, ser espiritual significa crer num poder superior. Considero as crenças dos Americanos Nativos e da Nova Era como uma forma de espiritualidade.”
- “Para mim tem sido difícil criar em minha mente uma figura nítida do que é espiritualidade. Como adventista de mais de três gerações, tenho sido empurrado com regras e regulamentos. Meu pai é muito legalista, e agora que meus pais estão divorciados estou observando uma nova forma de cristianismo no lar da minha mãe.”
- “Sempre que ouço a palavra ‘espiritual’ aplicada a uma pessoa, eu penso em ‘fanático’. Tais pessoas comem muito saudavelmente e não têm entendimento algum sobre o mundo porque sua cabeça está presa lá na altura das nuvens.”
- “Faz muito tempo que não penso sobre essa palavra.”
- “Para mim, ser espiritual significa que comunico com Deus sobre tudo, mas não significa ser perfeito.”
- “Estou continuamente desenvolvendo meu ponto de vista sobre Deus e sobre o significado de ser espiritual, mas Deus não é a primeira prioridade na minha vida.”
- “*Espiritual* não é um adjetivo usado

para descrever alguém que é altamente religioso. De fato, creio que espiritualidade e religiosidade freqüentemente se encontram em posição oposta.”

- “Para mim, ser espiritual é simplesmente quando uma pessoa reconhece que a vida é muito mais do que aquilo que pode ser visto. É aquilo que não pode ser visto. Para a pessoa que é espiritual, a vida não é seu deus; Deus é sua vida.”
- “Considero-me uma pessoa em crescimento espiritual. Cumpro todos os deveres genéricos, tais como ir a igreja, ler a Bíblia, etc., mas estou continuamente expandindo meu relacionamento com Deus.”
- “Espiritualidade não é algo que se deve anunciar e declarar para que todos vejam e comentem. Ao contrário, deve ser uma questão primordialmente particular entre alguém e o Pai.”
- “Espiritualidade para mim é o tipo de espírito que contagia alguém quando entra numa igreja de negros. Espero algum dia sentir-me assim.”
- “Penso que espiritualidade tem mais a ver com estar perto de Deus e fazê-LO o primeiro do que falar sobre Ele e recitar muitos versos

bíblicos.”

- Para mim, o termo *espiritual* sempre foi estreitamente associado com reverência. Se uma certa situação faz com que eu reaja com reverência, ela é o que eu chamo de experiência espiritual.”

Embora meus alunos não partilhassem de uma definição comum da palavra “espiritualidade”, a maioria expressou algum lamento no sentido de que, devido aos vários tipos de pressão para ter êxito na universidade, não eram capazes de dar o primeiro lugar a Deus em sua vida. Ao comparar suas prioridades pessoais, pareceu-me que a prioridade número um era ganhar notas boas. Apenas cinco dos 25 alunos sentiam que manter amizade pessoal com Jesus era de importância máxima. Contudo, cada um dos cinco inferiu que quando Deus era número Um em sua vida, todas as outras coisas caíam no lugar.

### **Pressões Sobre os Estudantes**

Então, quais eram as preocupações principais dos estudantes? Pressões para atingir sucesso pareciam tomar o primeiro lugar. Os comentários a seguir revelam os diferentes tipos de pressões para atingir sucesso que os alunos mencionaram:

#### *Pressão para ganhar boas notas*

- “Em primeiro lugar, quero ganhar

boas notas. De que outra maneira vou conseguir que a faculdade de medicina ou qualquer outro programa de graduação me considere? Sou apenas uma estatística, um número para eles.”

- “Gostaria de poder dizer que a mais elevada prioridade na minha vida é desenvolver um relacionamento com Deus. Mas essa prioridade está constantemente sob ataque. Encontro-me consumido com o aprender e estudar.”

#### *Pressões impostas por si mesmos*

- “Desde que posso me lembrar, nada menos que um ‘10’ é aceitável aos meus olhos. Reconheço que não é saudável pensar assim, mas penso assim desde que comecei a escola primária e a essa altura é um hábito aprendido.”

#### *Expectativas de pais, professores e colegas de classe*

Um aluno observou: “As expectativas que alguns professores, colegas de classe e pais colocam sobre os alunos das classes de distinção faz com que o aluno tenha que se esforçar infundamente para atingir esses elevados alvos ou chafurdar-se na miséria e auto-compaixão caso fracasse. Embora possa ser verdade que alguns estudantes reagem positivamente, como um todo essa pressão danifica o estudante física e mentalmente.”

Certo aluno relatou sua recepção numa outra classe naquele ano, na qual o membro do corpo docente disse aos alunos da classe de distinção: “Amamo-os como sua mãe, mas diferente dela, nós podemos repudiá-los se vocês não atingirem nossos padrões.”

Uma aluna comentou sobre as pressões que sente por parte dos professores: “Sinto que os professores estão de olhos em mim com expectativas de brilho e inteligência que às vezes penso que não tenho.”

#### *Pressões associadas com etnologia*

“Logo que ingressei na universidade reconheci que tinha que corresponder as expectativas dos colegas de classe do meu grupo étnico, que parecem todos estar perseguindo o ramo médico”, foi o comentário de uma aluna. “Sinto-me pressionada a procurar um ramo profissional onde ganharei muito bem e exercitarei poder e autoridade, e sinto que se não atingir esse alvo minha vida inteira terá sido em vão.”

#### *Pressões institucionais*

“Na minha opinião, o nosso sistema educacional coloca muita pressão nos

alunos para se desempenharem bem academicamente”, comentou alguém na classe. “Estou nesse sistema desde a sétima série, e me incomoda ver que o desempenho acadêmico é a única realização que se reconhece e respeita plenamente. Mesmo os músicos, artistas e atletas talentosos recebem pouco respeito se seu talento não está acompanhado de notas extraordinárias nas ciências e outras matérias concretas.”

Um aluno perguntou: “Será que a aprendizagem e a inteligência podem ser avaliadas por meio de notas?” Outro comentou: “Conforme avanço na idade, percebo que o aprendizado e as notas nem sempre são sinônimos.”

#### *A definição de sucesso da sociedade*

Certa aluna declarou que sentia muita pressão social para ser bem-sucedida. Escreveu que até que a sociedade chegue ao ponto de valorizar algo além do “sucesso”, isso será uma fonte significativa de pressão para os estudantes, os quais sofrem o impacto das mensagens da sociedade.

Outro aluno escreveu que pensa que a sociedade ensina aos estudantes que seu valor depende do seu sucesso nos estudos, o que tem resultado em milhares de suicídios de universitários.

#### *Vício de estudar*

“O vício de estudar é uma doença que acomete muitos estudantes da classe de distinção”, sugeriu um aluno. “Não devemos nos tornar escravos dos alvos.”

Outra aluna concordou. “Tornei-me viciada em estudar por perceber que a nota que recebo nunca é alta suficiente. Será que realmente é válido todo o esforço para simplesmente usar um cordão de distinção no dia da formatura?”

Um aluno que admitiu ter fracassado em suas prioridades mas alegava que queria colocar Deus em primeiro lugar, lamentou o fato de que dedicava tanto da sua energia para os estudos que não tinha energia alguma para os aspectos mais importantes da vida.

Em resumo, outro aluno escreveu: “Na universidade, a ênfase deveria estar no próprio aluno — na descoberta de si mesmo, reconhecendo que conhecimento é poder, e que educação é importante mas que as notas não são tudo.”

Baseado nos comentários por escrito desses alunos, o que podemos aprender sobre a avaliação espiritual de pessoas de idade universitária? Embora 25 trabalhos possam não representar a população total ou mesmo todos os alunos de distinção em certa universidade, as mensagens que

*Não estamos falhando se não alcançamos bem no íntimo do pensamento e sentimentos dos nossos estudantes sobre esse assunto antes de irmos muito longe com o processo de avaliação?*

esses jovens transmitem devem ser consideradas pelas instituições de educação superior ao decidirem como avaliar a espiritualidade dos estudantes. Os alunos que participaram dessa tarefa responderam abertamente; seus comentários não foram influenciados por qualquer documento ou programa de avaliação.

De uma coisa podemos estar seguros: As palavras “espiritual” e “espiritualidade”, quando usadas no contexto de medidas quantificáveis, precisam ser definidas ou então não ser avaliadas. Estes termos criaram um espectro enorme de quadros em palavras em uma única tarefa de resposta livre sobre o significado da palavra para um grupo pequeno de alunos.

A maioria dos estudantes não equiparam, necessariamente, ser espiritual com ter o desejo de que Jesus seja seu Melhor Amigo e colocá-IO em primeiro lugar em sua vida. Ao ingressarem nas universidades, os estudantes trazem consigo muita bagagem das experiências do passado. Eles têm uma forte necessidade de comprovar que podem ser bem-sucedidos na universidade. A maneira mais aceitável de fazer isso, pensam eles, é não deixar que Jesus ocupe o primeiro lugar em sua vida, mas dar prioridade a sua média de aproveitamento geral. A pressão para o êxito acadêmico vem de dentro de si mesmos bem como dos pais, colegas, corpo docente, administradores, recrutadores de alunos para cursos de pós-graduação e da sociedade. Todos transmitem a mensagem de que a chave para o sucesso são as boas notas. Será que atrairíamos os mesmos tipos de alunos se transmitíssemos novas mensagens, nas quais o sucesso e a aceitação na universidade fossem baseados no lugar que Jesus ocupa entre

as prioridades do estudante?

Que dizer dos exemplos no campus? Será que os estudantes vêm o corpo docente e os administradores vivendo uma vida equilibrada? Vêm os estudantes “negócios vulgares” e a corrida para obter reconhecimento oficial, aumentar o número de faculdades, obter o máximo de subsídios ou fazer a melhor pesquisa? Esse tipo de trabalho faz com que os professores gastem menos tempo com os alunos? Que dizer da carga de trabalho dos professores? Será que a missão da universidade é colocada em prática no nível do ensino? Proporciona-se tempo para que os membros do corpo docente se envolvam em outras áreas da vida dos seus alunos além dos desafios acadêmicos que se lhes apresentam cada dia?

Muitos dos meus primeiro-anistas da classe de distinção expressaram o desejo de fazer de Deus sua prioridade máxima. Mas não sabiam como. Parecia-lhes impossível que isso acontecesse enquanto se preocupavam em obter as mais altas notas. Contudo, qualquer um de nós que já ensinou a nível superior reconhece o tremendo desenvolvimento mental, espiritual e físico que ocorre nos alunos entre a época que ingressam no primeiro ano e a colação de grau. No final dos estudos universitários, a despeito da média de aproveitamento geral, muitos passaram por experiências sobre as quais tinham pouco controle. Perderam algum ente querido, passaram pelo rompimento de algum relacionamento amoroso ou pelo

divórcio dos pais. Outros enfrentam crises quando trabalham com pacientes ou clientes durante sua experiência de residência ou clínica. Reconhecem que não importa a sua média de aproveitamento quando entra em jogo a vida de uma criança ou de um adulto que está à morte. Ainda outros passam um ano experimentando outras culturas e estilos de vida enquanto estudam no exterior ou servem como estudantes missionários. Ao regressarem à universidade, vêm a vida sob um contexto diferente do anterior. A vida universitária, portanto, é um processo de crescimento e mudança que ajuda os estudantes a descobrirem e avaliarem seus valores básicos e prioridades pessoais.

O júri ainda está deliberando sobre os efeitos do documento Compromisso Total sobre as instituições de educação superior. Mas é minha opinião que ao dar ouvidos aos estudantes, incluindo-os nas equipes de avaliação, e formar grupos de enfoque com as várias faixas etárias e níveis acadêmicos, isso haverá de contribuir significativamente para o sucesso de qualquer processo de avaliação da espiritualidade dos estudantes. ☞

---

*Na ocasião que a tarefa foi dada aos primeiro-anistas da classe de distinção, Carole Luke Kilcher era professora associada de Comunicação na Andrews University, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Atualmente ela está tirando um ano de licença para dedicar tempo aos seus interesses de escrever e pesquisar.*

**S**elecionei 45 alunos na Andrews University para participar de uma pesquisa informal via E-mail. Alguns haviam participado da discussão sobre espiritualidade da classe de distinção. Outros seleccionei a esmo. Prometi aos estudantes que ficariam no anonimato. Dos 45, 31 alunos responderam. Solicitei que reagissem honestamente à seguinte pergunta:

*Durante sua experiência de universidade, que fizeram os professores para ajudá-lo no seu desenvolvimento espiritual?*

A maioria dos que responderam achava que a coisa mais importante que um professor pode fazer para intensificar o desenvolvimento espiritual dos seus alunos é dar bom exemplo através da maneira como trata as pessoas e tornar os princípios cristãos práticos para a vida diária.

Um segundo-anista de 19 anos da área de biologia apreciava ver os professores partilharem seu testemunho pessoal de como Deus é bom para com eles. Um universitário de 20 anos da área de educação disse o seguinte: “Posso ouvir declarações maravilhosas de professores e não ficar comovido de maneira alguma porque suas ações demonstram o contrário. O professor que é amigável para comigo e um cristão genuíno em todos os aspectos da sua vida me causa o maior impacto.” Duas coisas precisam acontecer juntas para atrair a atenção deste aluno de 21 anos da área de letras: “(1) Os professores têm que ser completamente honestos acerca de sua própria caminhada espiritual — admitir que são imperfeitos, que têm problemas, mas que continuam lutando. Precisam praticar aquilo que ensinam, e se falham, precisam estar dispostos a ser corrigidos. (2) Os professores têm que demonstrar interesse na vida dos seus alunos. Sem o relacionamento com os alunos, o exemplo do professor, por melhor que seja, não tem significado algum.”

Uma aluna de mestrado na área de fisioterapia sente que tem desenvolvido sua própria espiritualidade através do exemplo dos professores em sua vida cotidiana e da sua disposição de ouvir e partilhar cartas, notinhas de ânimo e

# Professores Que Oram Ajudam Seus Alunos Espiritualmente

braceletes com a inscrição, “O Que Faria Jesus?”.

Uma aluna de psicologia, de 21 anos, apreciava a demonstração dos seus professores, tanto pela aplicação como pelo exemplo, de que Cristo pode fazer parte da vida profissional de alguém. Um aluno de 22 anos da área de marketing relembra: “As histórias pessoais de alguns dos meus professores de comércio encorajaram-me e fortaleceram meus valores. Tais professores demonstraram em palavras e ações o que significa ser um cristão ativo que trabalha e ensina.”

Os estudantes também sentiam profundo respeito por professores que estavam dispostos a considerar e tomar tempo para um curto devocional ou que oravam antes de dar início às aulas ou aos testes, bem como oravam em sua sala durante reuniões individuais com um aluno que precisava de ajuda. Um aluno de 20 anos da área de engenharia de informática disse: “Fico muito contente por saber que convidamos a Deus para estar conosco na classe.” Um aluno de 19 anos da área de biologia salientou que sendo que os professores de ciências têm que cobrir muita matéria, “o fato deles tomarem tempo para orar e ler um texto da Bíblia fortaleceu muito a minha espiritualidade”. Um aluno de zoologia, de 23 anos, observou: “Mesmo quando eu não gostava da classe, descobri que gostava do professor se ele tomasse tempo para partilhar um devocional pessoal e orar conosco antes da aula. Gosto de professores que não têm medo de apresentar o SEU Deus pessoal.”

O tema de “professores que oram” foi reiterado no seguinte comentário de um aluno de 23 anos da área de relações públicas: “A melhor coisa que me aconteceu espiritualmente, por parte dos professores, é que cada vez que eu lhes

contava algum problema grande ou minúsculo, eles sempre diziam que iam orar por mim. No momento não me considero alguém que está sumamente envolvido com a igreja, mas quando os professores me dizem que estão orando por mim eles estão segurando minha mão enquanto procuro meu caminho de volta para a igreja, em vez de me empurrar para ela com mão firme. Sei que tenho alguém torcendo por mim onde quer que eu esteja.” Semelhantemente, uma aluna de 22 anos, que estuda tecnologia de imagem digital, conta de professores que a ajudaram crescer espiritualmente: “Quando estava lutando com alguns problemas pessoais bem difíceis, eles sentaram e me ouviram, e então oraram comigo e por mim. Ocasionalmente eles chamavam para saber como eu estava passando e às vezes me mandavam palavras de ânimo por E-mail.”

Nem todos concordaram que a oração antes da aula ajudou seu desenvolvimento espiritual. Uma formanda de enfermagem duvidava que os professores lembravam, mesmo logo depois de havê-lo feito, daquilo pelo que oraram! Ela achava que era uma lástima ter oração como um ritual da aula. Um aluno de 21 anos, que estuda psicologia e comércio, expressou semelhantes sentimentos: “Nada me ajudou mais espiritualmente do que a oração no início das aulas, mas a maioria dos meus professores fazem isso simplesmente por rotina.”

Alguns estudantes disseram que apreciavam professores que desafiavam seu pensamento e permitiam que fizessem perguntas sobre filosofia, a igreja e a vida em geral. Um aluno de 21 anos da área de comunicação disse: “Professores que questionam o que cremos são aqueles que nos ajudam a preparar-nos para enfrentar o mundo onde SEREMOS desafiados e

questionados, e onde aquilo que cremos deve concordar com aquilo que pregamos. Dou graças a Deus por tais professores.” Um aluno de zoologia de 19 anos expande esse pensamento: “Meus professores têm-me animado a fazer perguntas sobre minha fé. Levam-me a encontrar razões concretas para minhas crenças em vez de aceitar cegamente aquilo que me é dito.”

Uma aluna de 19 anos disse que havia crescido espiritualmente graças aos professores de ciências: “Meus professores de ciências sempre deram crédito a Deus como Criador desse maravilhoso corpo sobre o qual estamos estudando. Isso me proporciona maior amor pelas ciências e por Deus.” Outra aluna de 19 anos, que estuda matemática, sentia-se encorajada espiritualmente quando os professores davam-lhe apoio porque sabiam que ela estava trabalhando arduamente para conseguir um “10” mas não o conseguia.

Uma aluna recordou-se de que durante seu primeiro ano, quando estudou Fundamentos de Biologia, seu professor ficava tão empolgado com “as maravilhosas coisas que estávamos aprendendo que exclamava: ‘Devíamos todos cantar a doxologia!’ Professores como esse, que tomam tempo para mostrar razões pelas quais devemos louvar a Deus, têm, sem dúvida alguma, me ensinado o máximo”, disse ela.

Uma aluna de 22 anos da área de serviço social, expressou gratidão pela misericórdia que nunca imaginou receberia dos professores: “Por causa disso”, disse ela, “pude ver a Cristo neles”.

Nem todos os estudantes pensavam que seus professores tinham feito algo para ajudá-los a crescer espiritualmente. Um aluno de 19 anos, que estuda artes, deu sua resposta honesta: “Nenhuma ajuda até agora.”

Uma aluna de letras, que se formará este ano, resumiu sua resposta quanto às tentativas dos professores para intensificar a experiência religiosa dos estudantes: “Creio que a espiritualidade é algo muito pessoal. É algo que tem de ser decidido e cultivado pelo próprio indivíduo. Suponho que as pessoas influenciam minha espiritualidade, mas sou eu que tenho de decidir O QUE é e como apresentá-la a outros.”